

Lá se vai o conde Aninho, — seu cavalo vai banhar ;  
 Enquanto o cavalo bebe, — formou um lindo cantar.  
 — Acorda, bela infanta, — se queres ouvir cantar ;  
   São os anjos no céu, — ou a *serena* no mar.  
 — Não são os anjos no céu, — nem a *serena* no mar,  
   É o conde, conde Aninho, — comigo há-de casar.  
 — Se contigo há-de casar, — já o vou mandar matar.

— 286 —

— Se a ele o mandais matar, — a mim mandai-me enterrar ;  
   A ele aos pés do altar, — a mim às portas principais.  
 Dela sai uma pomba, — dele um pombo trocal ;  
 Um voou e outro voou, — ao céu se foram juntar.  
 Dela saiu uma rosa, — dele saiu um rouxinol ;  
 Um cresceu, outro cresceu, — à porta se foram juntar.  
 Ia o rei para a igreja — não *no* deixaram passar,  
 Mas ele, como secreto, — foi-os mandar talhar.  
 Dele saiu sangue vivo, — dela saiu sangue real ;  
 Um correu, outro correu, — ao chão se foram juntar ;  
 O rei votou um decreto — pelo mundo a voar :  
 «Maldito seja tal qu'rer, — maldito seja tal amar,  
 Nem de vida, nem de morte, — se puderam apartar.  
 Quem tiver filhos ou filhas — não lhe *contorve* o casar,  
 Que eu *contorvei*-lho a uma : — é do que hoje venho penar».

(Parada de Infanções, c. de Bragança, 1933.)